

FESTA DE CRISTO-REI

(João, XVIII, 33-37)

A REALEZA DE CRISTO

O conquistador da Terra Prometida o invicto condutor de exércitos, cansado e velho, pressentia que o seu dia estava no ocaso, e que a morte lhe estava atrás das costas.

Então reuniu em Siquem todas as tribos de Israel com os seus príncipes, com os anciãos, com os juízes, com os magistrados: a planície, como um prado quando passa o vento, flutuava de pessoas. E Josué assim falou ao povo: "Linhagem de Israel! vossos pais muitas vezes serviram a reis e a Deus estrangeiros, e foram escravos na Mesopotâmia e no Egito. Agora o Senhor vos libertou de toda tirania, e com a sua mão vos enxugou o pranto dos olhos: deu-vos uma terra maravilhosa que não havíeis lavrado; deu-vos cidades que não havíeis construído; deu-vos olivedos e vinhas que não havíeis plantado. Depois de tudo isto, ainda sois livres. Quereis voltar a ser escravos dos tiranos ou dos falsos deuses a que vossos pais serviram no Egito e na Mesopotâmia, ou quereis unicamente obedecer ao nosso Deus, ao verdadeiro Rei? Escolhei. Eu e minha família estamos decididos a servir o Senhor.

Todo o povo respondeu: "Não temos outro Senhor afora Ele: só Ele é o nosso Rei".

"Então tirai do meio de vós os deuses estrangeiros, e servi ao nosso Deus, e obedecerei aos seus mandamentos", respondeu Josué. Então foi concluída uma aliança solene entre o povo e o Senhor, e uma pedra muito grande foi colocada, em memória disso, debaixo de um carvalho. "Eis que esta pedra ficará em testemunho para vós e para as gerações que virão, - exclamou Josué - para que ninguém ouse negar aquilo que a Deus jurou". Todo o povo dispersou-se, e cada um voltou para sua casa. (Josué, XXIV, 1-27).

Em 1926, como o velho condutor de Israel Pio XI falou a todo o povo cristão mediante uma magnífica carta. "As nossas almas têm um Rei grande e bom: um Rei que morreu para nos dar a vida, que derramou o seu sangue para nos alforriar da escravidão do pecado, que instituiu o sacramento da Eucaristia para ficar no meio de nós e governar-nos. Infelizmente, muitos homens se têm rebelado contra Ele para voltarem a ser escravos das paixões e do demônio. Que é que escolheis: ou servir Satanás e o mundo, para depois serdes condenados ao fogo eterno, ou servir Jesus Cristo na observância dos mandamentos na renegação dos maus instintos, para depois serdes bem-aventurados no Paraíso?".

Todos os cristãos de boa vontade responderam: "Escolhemos ser súditos de Jesus Cristo: nenhum outro rei conhece nossas almas.

Então o Papa, em memória perene da consagração do mundo inteiro a Cristo-Rei, colocou, não uma pedra fria e muda, porém uma festa devota e entusiástica, a celebrar-se cada ano no último domingo de outubro: a festa da Realeza de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Por isto, concentremos hoje a nossa mente em meditar: quem é esse Rei, como é o seu reino, quais são os seus inimigos.

1. O Rei.

Diz o Santo Evangelho que embaixo do pretório de Pilatos a plebe de Jerusalém ululava: "Achamos este que sublevava o povo para a revolução; começou da Galiléia e veio até aqui, dizendo a todos que é Rei dos Judeus". Pilatos ouve as acusações, e em segredo interroga Jesus para saber a verdade. Pergunta-lhe: "És tu o Rei dos Judeus?" Jesus não responde. E Pilatos continua: "Não ouves quanta coisa estes gritam contra ti? Desculpa-te!"

Jesus não responde ainda. "Mas então - insiste o juiz romano - és realmente Rei?"

"Disseste-o: eu sou Rei". ***Rex sum ego.*** (João, XVIII, 37).

E tinha razão. Quem é o rei? é aquele que sobre os outros tem o tríplice poder de fazer leis, de julgar, de punir. Ora, Jesus Cristo possui esse tríplice poder.

Tem o poder de fazer leis. "Vós sabeis - dizia às turbas o Mestre divino - que até agora houve uma lei que permitia o ódio ao inimigo e a vingança até a dente por dente, olho por olho. Agora eu vos dou a lei do amor: fazei bem aos que vos fazem mal, orai pelos que vos perseguem e vos odeiam.

Sabeis que até agora houve uma lei que proibia o adultério; mas agora eu vos digo que até mesmo um olhar imodesto e um pensamento mau é pecado.

Sabeis que até agora houve uma lei que punia os ferimentos e os homicídios; mas agora eu vos digo que punirei com o fogo até as palavras injuriosas e ofensivas". (Mt., V).

Tem o poder de julgar. Explicando aos discípulos a parábola do joio, Jesus disse que, quando Ele vier na sua majestade, estará num trono, e os anjos estarão em volta d'Ele: então Ele separará os homens um a um, segundo o juízo dos seus pecados. (Mt., XIII, 40). E São João teve uma terrível visão. Escreve assim: "Vi todos os mortos, grandes e pequenos, reunidos diante de um trono altíssimo: foram abertos os livros das suas obras, e Jesus julgava-os segundo o que nelas estava escrito". (Apoc., XX, 12).

Aliás, nós dizemos no Credo que Cristo "subiu ao céu: e de lá há de vir a julgar os vivos e os mortos".

Tem o poder de punir e de premiar. Falando do juízo final, o Senhor disse: "Então o Rei dirá aos da direita: Vinde, ó benditos de meu Pai, preparei-vos um reino eterno de delícias, porque, quando eu tinha fome, me matastes a fome, e, quando eu tinha sede, me matastes a sede. Mas, depois, virando-se para os da esquerda, dirá: Vós, que me fizestes passar fome e sede, estais condenados ao inferno com o demônio e com os anjos rebeldes". (Mt., XXV, 33-45).

Logo, Jesus Cristo é Rei.

É Rei porque Deus lhe deu todo poder sobre a terra inteira. É Rei porque todos os homens eram escravos do pecado, e Ele os comprou, não com ouro nem com prata, mas com seu precioso sangue. É Rei porque todos os homens estavam sob o domínio do demônio pelo pecado original, e Ele os conquistou, morrendo na cruz. Por natureza, por aquisição, por conquista, Ele é nosso Rei, e nós o reconhecemos. *"Tu rex gloriæ, Christe!"*.

2. O reino.

"Sou Rei!" disse Jesus a Pilatos. "Mas o meu reino não é deste mundo. Se fosse deste mundo, os meus discípulos, com as espadas, me defenderiam dos judeus, e milhões de anjos invencíveis exterminariam os meus inimigos".

O Reino de Jesus Cristo não é um reino material. Ele poderia ter vindo ao mundo como um poderoso imperador, com a sua capital, com o seu palácio, com o seu exército, com a sua frota: teria mesmo esse direito. Mas, por nosso amor, preferiu o estabulo ao palácio real, a coroa de espinhos à coroa de ouro, a cana ao cetro, a cruz ao trono.

Mas, se o seu Reino não é material, todavia é superior a qualquer outro. Os reis deste mundo mandam sobre corpos, Ele manda sobre os corações. Os reis deste mundo fazem-se obedecer pela força, Ele pelo amor. Os reis deste mundo têm palácios e tronos, e Ele tem as suas igrejas e os seus altares. Os reis deste mundo têm os seus exércitos e Ele também os tem, e mais belos e mais valorosos: são milhares de meninas que amam conventos onde por ele consomem a sua vida, adorando-o dia e noite; são milhares de homens que renunciam às carreiras fúlgidas do mundo, aos ganhos, e se fazem religiosos, sacerdotes; são milhares de jovens robustos que tem a coragem de deixar a terra onde nasceram e a pátria amada, vão por desertos e por selvas, até os últimos confins do mundo, sem nada levarem consigo afora um crucifixo, para dilatarem o Reino de Cristo.

O Reino de Cristo é universal. Todo reino deste mundo tem as suas fronteiras: a Itália é limitada pelos Alpes e pelo mar, a Inglaterra não reina sobre a Rússia nem sobre a França ...; também o império romano, que foi o maior de todos, tinha as suas colunas de Hércules. O reino de Jesus Cristo não tem confins: é grande como a terra inteira. Sobre todos os campanários de cada país achais a cruz; entre o capim de cada cemitério achais a cruz; nas cabanas dos selvagens achais a cruz.

O Reino de Cristo é eterno. Quando Jesus Cristo começou a reinar, sobre o mundo mandavam os imperadores romanos: agora, todos os imperadores romanos morreram, e morto está o seu império, ao passo que Cristo ainda vence, reina, impera.

Eram já mil anos que vivia a Igreja de Cristo, quando Guilherme o Conquistador estabeleceu na Inglaterra a dinastia dos reis Anglo-Normandos; agora essa dinastia, com todos os seus reis, está extinta, ao passo que Cristo ainda vence, reina, impera.

Eram já mil e duzentos anos que existia a Igreja de Cristo, quando na Áustria começou a dinastia dos Habsburgos; agora essa dinastia, com todos os seus reis, está extinta, mas Cristo ainda vence, reina, impera.

Eram já mil e seiscentos anos que Cristo reinava, quando ascendia ao trono da Rússia a casa dos Homanoff; agora, essa casa, na grande guerra, extinguiu-se, mas Cristo ainda vence, reina, impera.

Onde está Nero, que queria sufocar, em cueiros, o reino de Deus? Morreu, cravando no coração o seu punhal.

Onde está Juliano o Apóstata, que queria destruir até mesmo o nome cristão? Morreu, derrotado na guerra, gritando desesperadamente: "Venceste, Galileu!".

Onde está Lutero, que arrancou meia Europa ao doce jugo de Jesus? Morreu, olhando para o céu com olhos desiludidos.

Também Voltaire, que queria esmagar com suas mãos, como uma formiga, o Rei dos reis, morreu mordendo como um cão as próprias cobertas.

Também Napoleão, que ousara dar uma bofetada no velho Papa e arrastá-lo ao exílio, morreu, vencido e só, num arrecife no meio das águas.

E Cristo vence, reina, impera ainda hoje, e vencerá e reinará e imperará também amanhã. Sempre.

"Eu sou um Rei humilde e manso de coração", disse Jesus, **"e o jugo do meu reino é suave e leve".**

3. Os inimigos.

Se assim é, é claro que os inimigos de Cristo e do seu reino são aqueles que não têm o coração humilde e manso, porém soberbo e cruel.

E tem coração soberbo quem não quer rezar. "Rezar? mas a quem, se não me falta nada? Tenho saúde, tenho dinheiro, tenho divertimentos, tenho prazeres; que mais posso desejar? Não preciso de ninguém, nem mesmo de Deus". E não vêem que são sepulcros caiados, com a alma morta e putrefata lá dentro; não sabem que também os bens materiais são dom de Deus; de Deus que os criou, que os conserva, que os redimiu, que os julgará um dia. Estes soberbos de coração têm horror a se aproximar dos sacramentos. "Confessar-nos?" em que foi que erramos? e quem é que tem direito de saber os nossos segredos? Comungar? nós não somos fracos, arranjamo-nos sozinhos".

E tem coração rebelde quem não observa os mandamentos: "Eu não sou súdito de ninguém", dizem, na prática, os inimigos do Reino de Cristo, e desobedecem a todos os mandamentos. Crêem que Jesus não lhes pode mandar não blasfemarem, não roubarem; e sobretudo não querem nenhum freio aos seus prazeres. Pretendem poder licitamente pensar e dizer as coisas mais despidoradas, pretendem poder licitamente satisfazer as paixões mais vergonhosas.

Inimigos do puríssimo reino de Cristo são aqueles que difundem o escândalo, que leem livros obscenos, que frequentam bailes e espetáculos onde reina o demônio; inimigos do reino de Cristo são aqueles que profanam o sacramento do matrimônio e descuram a educação cristã dos filhos; inimigos do reino de Cristo são essas infelizes que, não obstante as ordens dos Papas da história e dos bispos, se cobrem com vestes de pagã sensualidade; com vestes que começam muito tarde, acabam muito cedo e parecem tecidas de vento.

E tem coração duro quem odeia os seus inimigos e conserva no coração as ofensas, e com alegria venenosa espera o momento de retribuir o mal recebido, ou de fazer um maior; o reino de Cristo é reino de amor, e as suas leis são somente de amor e de paz.

E tem coração egoísta quem não sente compaixão dos necessitados, dos doentes que pedem cuidados e conforto, dos pobres que pedem um pouco de pão, das Missões e das boas obras que esperam pelo nosso óbolo, das almas do purgatório.

Conclusão.

Um pequeno rei da Normandia, depois de longas peregrinações e sucessão de mudanças, voltava da Cruzada para o seu reino. Caminhava a custo, por causa dos jejuns e das fadigas, e tinha no peito uma ferida ainda aberta e sangrenta.

Quando tocou os limites da sua terra, duas lágrimas brotaram-lhe sob as negras pestanas, e regaram-lhe o rosto. Era talvez meio-dia, e fazia calor.

Ao subir, encontrou um homem que levava uma bilha cheia de água fresca, e lhe disse: "Sou o teu rei que volta: dá-me de beber". O outro olhou admirado, e respondeu-lhe vilmente: "Não conheço nenhum rei: és um farrapento! e retomou o seu caminho sem mais se voltar para trás. O pobre rei tristemente o viu desaparecer por trás de uma sebe, e murmurou: "Amanhã, terás sempre sede, sem nunca poderes beber no meu reino".

Nesse ínterim descia a noite, e o palácio real ainda estava distante. Anoitecia quando ele viu desenhar-se na vereda uma réstea de luz: era uma casa. Através da porta entreaberta olhou para aquela casa: na mesa fumegavam as iguarias, e somente um homem, uma mulher e um rapazinho estavam assentados em volta. O rei tinha fome e sono; parando à entrada, gemeu: "Ó boa gente, dai ao vosso rei um pão e um pouco de palha para dormir". O marido levantou-se de um salto, blasfemando, e enxotou-o para fora, para a escuridão, e fechou a porta à chave. Sob as estrelas, o pobre rei molhou o dedo na sua ferida sempre sangrenta, e escreveu na arquitrave daquela casa: "*Non est pax nec hodie nec eras*". (Não há paz, nem hoje nem no passado).

Alvorecia apenas, quando ele entrou sob o portão do seu palácio real. Não reconheceu mais a sua casa, tão esplêndida, outrora tão limpa: agora estava extremamente suja, desarrumada, bagunçada, malcheirosa e em péssimo estado de conservação. Ouviu um grande vozerio vir das salas, parou à escuta: "O Rei morreu: está findo o tempo da tirania. Ordene-se a todo o país queimar a sua abominada imagem, estabeleçam-se grandes festas em que cada um fará o que quiser". O pobre Rei não pôde mais conter-se da comoção, empurrou a porta e gritou: "Alegrai-vos! o vosso Rei voltou a reinar". Foi um urro: todos aqueles maiores e príncipes levantaram os punhos contra ele: "Fora! não há mais Reis". Desde aquele dia, naquele reino começaram as violências, as pestes, as guerras, os terremotos.

Caros fiéis, compreendei esta bela lenda. Cristo, o Rei dos nossos corações, volta a reinar. Ai do indivíduo que não lhe matar a sede com a sua alma! terá sempre sede no fogo do inferno.

Ai das famílias que o não acolherem! não terão mais paz, nem neste mundo nem no outro.

Ai das nações que não respeitarem os seus direitos invioláveis! serão oprimidas pelos desastres físicos, econômicos, morais.